



Pensar
Entrevista a Ricardo
Correia do Clube de
Teatro "A Faísca"

página 2

Sentir
Breves considerações
sobre a história do
humor em Portugal

página 3

Crescer
A ambivalência da arte,
das ciências naturais e da
matemática no quotidiano

página 4

Email: jornalneuronio@hotmail.com - Telefone: 296 960 240

NEURÓNIO

JANEIRO DE 2010 • Nº 25 • CLUBE DE JORNALISMO DA ESCOLA SECUNDÁRIA DE LAGOA

Editorial Pelo humor é que começamos

Esta edição do **Neurónio** inicia um novo ano, o qual inaugura, também, uma nova década. O futuro, como lhe é próprio, está em aberto, e cabe-nos, a nós, avançar... Entre as várias alternativas disponíveis, esta edição do "Neurónio" sugere o humor. Com efeito, o sentido de humor apurado, característica tão requintada e humana, é sempre um bom recurso para enfrentar um desafio. Desta feita, a boa disposição e o trabalho humorístico também têm lugar na ESL, como o demonstram a entrevista com o professor Ricardo Correia, uma recente revelação no Clube de Teatro desta escola, bem como o testemunho de uma das suas coordenadoras, que nos fala da experiência de dramatizar textos onde a comicidade é uma das principais características. Além disso, o olhar atento do professor Vítor Almeida sobre os bastidores da rotina da actividade docente é bastante revelador da capacidade imprescindível de sabermos rir de nós próprios. Também não esquecemos, nesta edição, o humor feito a nível regional, destacando o trabalho dos "Fala Quem Sabe", e, a nível nacional, as crónicas de Ricardo Araújo Pereira, e uma breve história do humor em Portugal. Por fim, além do já habitual "Viver em Londres", apresentamos algumas actividades que, ao nível das ciências, da matemática e da arte, atestam que somos uma escola sempre dinâmica.

ROSÁRIO GUIOMAR

Alunos assistem ao lançamento do 2º livro de crónicas de RAP



Ao surgir a oportunidade de contactar pessoalmente com o autor de *Novas Crónicas da Boca do Inferno*, um grupo de docentes e alunos do 10º ano resolveu ir ao lançamento deste livro, que decorreu no dia 12 de Dezembro de 2009, uma vez que alguns dos textos desta publicação de Ricardo Araújo Pereira foram analisados aquando do estu-

do da unidade dedicada aos diversos géneros jornalísticos. A notícia, a reportagem, a crónica, o artigo de apreciação crítica e o artigo científico são analisados tendo em conta a finalidade comunicativa, a estrutura e a especificidade da linguagem utilizada em cada um destes textos. Na verdade, estes textos dos meios de co-

municação social ocupam uma parte significativa do programa de Português do 10º ano, tendo o estudo da crónica incidido, essencialmente, sobre alguns textos da rubrica "Boca do Inferno" (revista "Visão"), publicados agora no 2º volume de crónicas do referido autor.

De forma global, a leitura destas crónicas contribuiu para promover a educação para a cidadania, para a cultura e para o multiculturalismo, dando cumprimento a uma das finalidades do programa.

Após uma leitura analítica e reflexiva, os alunos seleccionaram alguns desses textos a fim de realizarem uma exposição oral centrada no estudo dos seguintes parâmetros: situação, facto ou incidente que originou a crónica, marcas de subjectividade do discurso, características linguístico-estilísticas predominantes e alcance crítico ou humorístico.

Assim, os alunos tiveram a oportunidade de desenvolver capacidades ao nível da compreensão e interpretação de discursos onde predominam efeitos estéticos e retóricos específicos da informação mediática. Para além disso, através desta actividade, os alunos manifestaram a sua opinião sobre as temáticas centrais de cada texto, algo que contribuiu para o desenvolvimento de competências nos domínios da leitura e da escrita, nomeadamente no que diz respeito à tomada de consciência sobre o papel da língua no acesso à informação e do seu valor no âmbito dos meios de comunicação social. Esta tarefa proporcionou, ainda, o desenvolvimento da autonomia e do espírito crítico.

ROSÁ CABRAL E SÍLVIA PEREIRA



Entrevista

Teatro na Escola - um estímulo à autonomia, cooperação e confiança

NOME: Ricardo Correia
IDADE: 45 anos
PROFISSÃO: Professor

O professor Ricardo Correia, membro do Clube de Teatro da ESL "A Faisca", fala da sua experiência enquanto actor

Há quanto tempo faz teatro?

Eu iniciei as minhas experiências teatrais nos escuteiros e no grupo de teatro da ESAntero de Quental. Mais tarde, integrei o grupo de teatro amador da associação cultural "A Pontilha", tendo participado em diversos projectos teatrais desta associação e, enquanto professor, sempre que oportuno, colaborei em diversos espectáculos organizados na escola.

Qual a formação que tem nessa área e de que forma ela tem contribuído para o seu desempenho como actor?

Não sendo "um actor das tábuas", na "Pontilha" tive a oportunidade de frequentar um curso com os actores/encenadores Eugénia e Fernando Nascimento e partilhar aprendizagens com actores amadores de outros grupos de teatro regionais, como o "Alpendre". No entanto, como professor, tenho tido a oportunidade de contracenar com diferentes pessoas e daí retirar aprendizagens que contribuem para construir o papel que me é atribuído.



O teatro é uma actividade apaixonante, um momento para nos encontrarmos e partilhar com os outros

Da sua experiência enquanto actor, que textos considera mais difíceis de representar, comédias ou tragédias?

A convivência entre comédia e tragédia, entre o riso e o choro,

está na base do teatro e da vida, pelo que ambos são igualmente difíceis de representar. Embora traduzam estados de espírito antagónicos, exigem criatividade e imaginação.

Que importância atribui à existência de grupos de teatro escolar?

O teatro é uma actividade apaixonante, um momento para nos encontrarmos e partilhar com os outros. O teatro escolar funciona como um meio de o aluno/actor ganhar confiança em si, aprender a estar com os outros, ser autónomo e responsá-

vel no desempenho de tarefas imprescindíveis para o funcionamento do grupo de teatro. Ao mesmo tempo, os professores dão a conhecer as regras do mundo profissional e mostram a necessidade de cooperação de diversas equipas para a concretização de um projecto de teatro. A prática da actividade teatral escolar constitui em muitos casos uma primeira "porta de entrada" no teatro amador, uma plataforma de transição efectiva para o mundo do teatro profissional.

CronicArte

2010 começa com anedota, mas sem sentido de humor

No calendário, 2010 completa hoje uns trinta dias de vida. Mas, como dizem os ingleses, ainda parece "so last year", pois a crise que vivemos ao longo do ano que terminou tei-



ma em querer permanecer. Resta-nos a resignação típica do português ou, então, rezar para que isto melhore. Quem não for muito dado a rezas, pode optar por outra mezinha caseira, o sentido de humor (lá diz o povo que rir é o melhor remédio). Foi o que fiz para tentar perceber como é que a oposição, após tanto bater o pé, estendeu a mão ao governo e deixou aprovar um Orçamento que tanto crítico, e em nome de algo etéreo como "interesse nacional".

Mas não farei do caso uma anedota para contar em convívios sociais, pois o meu sentido de humor não recorre a anedotas. O meu humor é mais subtil (tão subtil que, amiúde, se fica pela intenção), oscilando entre o humor britânico e o negro, não tão negro, é certo, quanto está hoje a economia portuguesa.

Sou dado a encontrar humor onde, aparentemente, não existe e a mandar umas bocas jocosas e umas tiradas humorísticas quando a situação me pede algum humor.

E, assim, escapo às idas ao sofá do psicólogo que, ao que parece, tem nos professores os clientes mais assíduos. Prefiro tomar uma dose de humor, pois como disse Tomás de Roderão "Rir de tudo é coisa dos tontos, mas não rir de nada é coisa dos estúpidos". *Amén!*

MARCO MACHADO

Reportagem

Comédia ou tragédia? a experiência dos actores

O teatro passou a ser uma arte que mistura muitas formas artísticas, tais como a dança e/ou expressão corporal, música e até artes circenses. Já não há distinção estanque entre comédia e tragédia, como na época de Aristóteles.

Segundo Michael Hampe, encenador alemão, em entrevista ao Público, "A mesma coisa pode ser trágica ou cómica dependendo do contexto (...). A decisão cabe ao público".

Por experiência própria, como uma das coordenadoras do clube de teatro "A Faisca" e como professora de Expressão Dramática, reconheço que tem havido a preocupação de misturar géneros dentro do teatro; no entanto, é de notar que os alunos preferem a comédia.

Apesar de Hampe referir que "Em geral a comédia é mais difícil, tan-



Para um público escolar o mais cativante é, sem dúvida, apresentar uma representação cómica

to no teatro como na vida (...)", a maioria dos alunos com quem trabalho ou já trabalhei considera o texto cómico mais fácil de representar. Os alunos do Clube de Teatro da nossa escola, "A Faisca", têm opiniões divergentes. Assim, Fábio Rego diz que prefere representar uma personagem cómica, admitindo ser mais fácil, e afirma que uma personagem séria é mais aborrecida de interpretar. Também Nuno Almeida concorda que uma personagem cómica é mais acessível, até porque está mais de acordo com a sua personalidade. Todavia prefere personagens trágicas, já que o desafio é mais estimulante. Por outro lado, alguns preferem a tragédia e personagens mais sérias. Rodrigo Oliveira afirma gostar dos dois géneros, o importante

mesmo é estar no palco, mas acha a personagem cómica mais difícil de encarnar, porque o actor pode não conseguir divertir o público. Beatriz Sousa pensa que um bom actor tem de saber representar os dois géneros, mas que, para ela, é mais fácil representar drama. Joana Rocha é da mesma opinião, pois o drama está mais próximo da realidade e as personagens cómicas exigem maior energia do actor.



O público é, ainda, um factor fundamental para o sucesso de uma comédia. Portanto, para um público escolar, o mais cativante é, sem dúvida, apresentar uma representação cómica. E nesta perspectiva, e no contexto escolar em que nos inserimos, é de notar que é a comédia a mais fácil de encenar e representar.

BEATRIZ FERREIRA

Conto

Viver em Londres (continuação)



- Nada, não é nada. Nunca mais chegamos a esse tal café?

Faltavam poucos dias para as aulas. Sofia já tinha ido com Leonie dar uma vista de olhos à universidade que em breve a iria receber. Adorara-a desde a primeira vez em que lhe pusera os olhos em cima. Era grande e imponente, uma universidade com uma história, com um passado. Tinha

qualquer coisa de severo e, ao mesmo tempo, o ar elegante e misterioso que Londres possuía. Nessa mesma altura, conheceu um casal de amigos de Leonie, Laurie e Michelle.

Laurie era um rapaz extremamente alto, com cerca de 1,90 de altura. Tinha cabelo dourado, a cair-lhe em caracóis sobre os pequenos olhos verdes. Michelle, a sua namorada, com o seu 1,70, ficava muito pequenina a seu lado. Ela tinha cabelo louro platinado e uns sorridentes olhos castanhos.

Eram ambos muito simpáticos e tinham o sotaque encantador de quem nasce no Reino Unido. Tinha passado o resto da tarde com

eles, visitando alguns focos de interesse que ficavam perto da universidade.

Espreguiçou-se e olhou para o relógio colorido que ficava numa das paredes ao lado da porta. Dez horas certinhas.

Sofia trocou o pijama por uns jeans e uma *sweater*, calçou as suas *all-star* vermelhas e desceu as escadas para ir comprar o jornal. Tinha de começar já à procura de emprego, porque queria sustentar a sua estadia ali.

Estava a guardar as chaves do apartamento quando chocou contra alguém.

- Oh, desculpe... - começou a dizer. Olhou para a frente para ver com quem tinha chocado. Era Chris.

- Vê lá por onde andas - resmungou ele.

- Pois, devias fazer o mesmo quando andas por aí a dar encontros nas pessoas e nem pedes desculpa - Sofia refilou, furiosa. Era preciso ter descaramento! Chris franziu uma sobrancelha.

- Ahm? O que é que estás para aí a dizer?

- Estou a dizer que há duas semanas atrás me deste um valente encontrão e nem te desculpaste.

Pelo menos eu tenho alguma educação.

Já se dirigia para a saída do bloco de apartamentos quando Chris a agarrou pelo cotovelo.

- O que foi agora?

O homem passou a mão livre pelo cabelo já revoltado e suspirou.

- Peço desculpa por ter sido rude, mas os últimos dias têm sido difíceis. Ninguém parece estar interessado nos meus trabalhos e

já tenho renda atrasada... - justificou-se ele.

Sofia começou a sentir pena dele. Só um bocadinho. Um bocadinho mesmo pequenino.

- Ok, está bem. Mas vê lá se controlas esse teu mau-humor. Ninguém tem culpa dos teus azares - disse Sofia, numa voz menos firme do que devia.

- Deixa-me compensar-te com um jantar.

Sofia pensou por momentos na proposta. Não sabia se devia aceitar ou não. Por um lado, sentia-se tentada a dizer que sim. Embora ele aparentemente tivesse um humor de bode quando estava com problemas, sentira uma certa conexão com ele naquela vez no café... Por outro lado, não sabia se devia dizer que sim, pois, afinal, mal o conhecia e os seus outros "encontros" não tinham sido propriamente agradáveis.

- Olha, porque não fazemos assim: dá-me o teu nº de telemóvel e depois logo eu digo-te se aceito ou não o teu convite...

Continua

MÁRCIA BAPTISTA E PATRÍCIA VIEIRA

Mas era difícil não ligar, sabendo que o atraente desconhecido, agora não tão desconhecido assim, vivia no mesmo sítio que ela, e que provavelmente se iam cruzar várias vezes.

"Oh, Sofia, pára com isso! Pára com isso, ouviste?! Afinal, que prazer podes ter em encontrar-te com alguém que não conheces e que, ainda por cima, te deu um encontrão que te ia atirando pelo ar?", Sofia pensou e abanou a cabeça, tentando afastar da mente o tal rapaz, Chris.

- Porque estás a abanar a cabeça? - perguntou Leonie, olhando com interesse para a rapariga a seu lado.

Sugestão de leitura

Crónica de Ricardo Araújo Pereira



Na crónica "Nunca é tarde demais para aprender a lavar as mãos", incluída no seu segundo livro de crónicas, lançado no mês de Dezembro, RAP (como é conhecido Ricardo

Araújo Pereira) debruça-se sobre uma questão relacionada com as medidas que no nosso país têm sido adoptadas para prevenir a Gripe A.

Neste caso, o facto que originou a sua crónica foram os panfletos que ensinam as pessoas a lavar as mãos, mostrando que uma acção que poderia ser considerada simples e até banal se tornou um assunto

demasiado importante para a Direcção-Geral de Saúde e sobre o qual as pessoas deverão "reflectir".

Utilizando a ironia e o humor, e de forma a reforçar a sua ideia, o cronista enumera cada passo mencionado nos referidos panfletos desde o primeiro ao último. Ricardo Araújo Pereira, com este texto, procura, na minha opinião, criticar, principalmente, o facto de, hoje em dia, em especial no nosso país, as coisas mais simples, insignificantes e óbvias serem sempre as de que mais se fala, enquanto, muitas vezes, os assuntos realmente importantes, os que deviam ser resolvidos ficam à espera de alguma atenção.

BEATRIZ SOUSA, 10º E

Sugestão cultural

Nos Açores, "Fala Quem Sabe"



Os lavradores mais populares dos Açores têm percorrido a Região para apresentar o espectáculo "Fala Quem Sabe". Hélder Xavier, Roberto Borges e Paulo Costa colocam em palco o humor a que já nos habituámos a assistir na série protagonizada por Ramiro (o ingénuo), Baptista (o mais informado) e Manuel Silveira (o sábio popular).

Este espectáculo, que reúne alguns dos melhores momentos do "Fala Quem Sabe", já foi partilhado com mais de 15.000 espectadores, tendo sido apresentado nas diversas ilhas do arquipélago,

bem como junto das comunidades emigrantes dos E.U.A. e do Canadá. A última exibição teve lugar no Coliseu Micaelense, no passado dia 16.

A origem deste espectáculo é o Carnaval terceirense, nomeadamente o ambiente único dos tradicionais bailinhos, nos quais estes artistas participam com regularidade.

Segundo Paulo Costa, numa entrevista ao jornal "A União", os seus textos espelham muitas características da sociedade terceirense, das pessoas com quem convivem e histórias que ouvem. Por isso, o objectivo é "fazer humor, e não ridicularizar", pois o grupo "procura manter viva a cultura popular".

SÍLVIA PEREIRA

Humor em Português - quem cativou e continua a cativar as audiências?

Em Portugal, sempre houve artistas capazes de pôr o país a rir, mesmo em tempos de ditadura e de censura.

Um exemplo disso foi António Silva (1886-1971). Quer no teatro ligeiro ou de revista, quer no cinema, a sua carreira foi crescendo, tendo interpretado maioritariamente personagens cómicas.

Outro grande comediante português foi Vasco Santana (1898-1958). Este actor foi aquele que conquistou decididamente maior

carinho por parte do público português, destacando-se a sua participação no filme "A Canção de Lisboa".

Considerado, desde há muito tempo, o maior nome do humor português, Raul Solnado (1929-2008) deixou uma marca profunda na memória dos portugueses, tendo desenvolvido uma carreira de sucesso no teatro, no cinema e na rádio. Em 2002, recebeu a Medalha de Ouro da Cidade de Lisboa e em 2004 recebeu o prémio Grã-

Cruz da Ordem do Infante D. Henrique. Este foi ainda director da Casa do Artista até à data da sua morte.

Actualmente, os humoristas mais conhecidos são o quarteto composto por José Diogo Quintela, Miguel Góis, Ricardo Araújo Pereira e Tiago Dores, ou seja, os "Gato Fedorento". O seu êxito mais recente foi o programa "Gato Fedorento Esmiúça os Sufrágios".

ANTÓNIO CABRAL, 10º H



Saída de Campo - 10º B e 8º OPIII visitam o Nordeste

No âmbito dos conteúdos programáticos de Geologia, a turma B do décimo ano, conjuntamente com o oitavo ano OPIII, realizou uma saída de campo ao concelho do Nordeste, cujos objectivos foram conhecer os procedimentos necessários para se realizar uma saída de campo, reconhecer estruturas vulcânicas da ilha de São Miguel, aprofundar conhecimentos relativos a cortes geológicos, relacionar, de forma sistémica, os conceitos abordados ao nível da geologia, bem como utilizar instrumentos básicos do trabalho de campo no âmbito dessa área.

A curiosidade e o interesse dos alunos foram evidentes ao longo das diversas explicações dadas pelos docentes. Para além disso, notou-se, ao longo do dia, um crescente companheirismo entre os alunos das duas turmas em questão, algo que se manifestou através da partilha de ideias e de conhecimentos e nos momentos em que foi necessário haver alguma colaboração, ou seja, aquando da distribuição das tarefas e da execução das propostas apresentadas aos alunos.

A alegria, o entusiasmo e a leveza estampadas nos rostos de todos, discentes e docentes, no caminho de regresso, revelam que esta actividade foi um sucesso e comprovam que este tipo de actividade ao ar livre tem, sem qualquer tipo de hesitação, imensas benefícios.

LAURA TEIXEIRA



Como fazer Matemática em família no dia-a-dia?



Como podem os pais ajudar efectivamente e no quotidiano os seus filhos a sentir entusiasmo pela matemática?

Este artigo pretende ser uma ajuda aos pais que desejem ser participantes activos na educação matemática dos seus filhos, sensibilizando-os para a presença da matemática nas rotinas diárias dos mesmos.

Assim, logo pela manhã, quando toca o despertador, começamos a utilizar a matemática. Se o relógio for digital, lemos as horas, isto é, interpretamos aqueles números do mostrador como representando a quantidade de tempo transcorrida desde a meia-noite até àquele momento. Se for analógico, avaliamos essa mesma quantidade através da posição relativa dos ponteiros, isto é, avaliamos os ângulos desde o ponto de referência e convertimos esses ângulos na quantidade de tempo referida.

Na prática, o que nos interessa é saber quanto tempo estamos atrasados e quanto temos que correr para chegarmos a tempo à escola. Para escovarmos os dentes, estimamos a quantidade adequada de pasta de dentes a colocar sobre a escova. Esta é uma avaliação de volume que, novamente, fazemos de forma inconsciente.

Quando os pais se envolvem na educação matemática dos seus filhos... quando possuem expectativas elevadas para o seu desempenho ao nível da matemática... quando a matemática faz, de forma consciente, parte do dia-a-dia das famílias... fazer matemática, sentir matemática, passa a ser algo natural. Experimente!

ALEXANDRA DÂMASO

E Foram Felizes para Sempre uma escultura de Sofia Medeiros

A escultura *E Foram Felizes para Sempre* integrou a última exposição individual de Sofia Medeiros, *Naperon*, em Março de 2009, na Galeria Fonseca Macedo, reunindo um conjunto de peças que revelavam um trabalho de apropriação de materiais e de histórias ligadas à imagética popular açoreana, conjugando padrões tradicionais, revelados na moleza dos volumes criados pelos tecidos, com a rizeja do ferro. Esta peça em particular indicia o tema recorrente na obra da artista, que é o Amor, nas suas diversas vertentes. A simetria revela-nos a duplicidade do ser humano, ou a união feliz entre os referentes. Trata-se de um jogo entre os materiais, pela construção de pequenas formas tridimensionais, e um universo quase infantil. O título é extremamente importante para a artista, pois ele faz a ponte entre a obra e o público, revelando alguns dos conceitos subjacentes. Nestes trabalhos,

verifica-se, ainda, a fronteira entre o artesanato e a arte, a valorização das artes tradicionais, utilizando tecidos, renda, bordados e simples actos como o coser de um botão.



O regresso em pleno da Oficina de Leitura

Depois de um interregno de um ano, a Oficina de Leitura voltou com novas iniciativas. Dado o 1º passo - a criação da mascote, da autoria de Cristina Medeiros, que é um dos elementos da Oficina - seguiu-se a criação de marcadores de livros para serem oferecidos aos que gostam de ler e frequentam a biblioteca.

Em Dezembro, recebemos na escola uma turma do 2º ano da EB/JI Marquês de Jácome Correia. Foi-lhe apresentada uma leitura dramatizada de uma adaptação do conto de Natal "As Visitas do Pai Natal", de José Vale Moutinho.

No final do 1º período, a Oficina de Leitura visitou o ATLATAIPA, onde a apresentação da leitura dramatizada do conto "A Noite de Natal do Palhaço João - Surpre-



sa", de Dugald Steer, foi um sucesso. O objectivo destas actividades é a promoção de hábitos de leitura.

As docentes responsáveis por este projecto realçam uma característica comum aos membros do clube: todos adoram livros. Talvez seja essa a razão por que se divertem tanto quando se juntam para ler. Estamos à vossa espera, à segunda e/ou à sexta-feira, das 16:15 às 17:00.

CÉLIA FIGUEIREDO E MARISOL VALENTE



Clube da Matemática promove Problema do Mês e XXVIII Olimpíadas Portuguesas

A 1ª eliminatória das XXVIII Olimpíadas Portuguesas de Matemática realizou-se no dia onze de Novembro de 2009, na nossa escola. Esta actividade, integrada no plano de actividades do Clube de Matemática, *CanalMat*, foi supervisionada pelos docentes Joana Mota, Lúcia Ventura e Luís Machado. Dos doze participantes, dois foram apurados para a segunda fase: os alunos Gonçalo Borges, do 8º E, na categoria A, e Tiago Martins, do 11º F, na categoria B. A Escola Secundária de Lagoa foi a anfitriã desta fase das

olimpíadas, que se realizou no dia treze de Janeiro, pelas 14h30.

Ainda neste dia, realizou-se o segundo Campeonato de Jogos Matemáticos, que teve como objectivo o apuramento dos alunos para participarem no Campeonato Regional de Jogos Matemáticos. Este campeonato é organizado pelo Departamento de Matemática da Universidade dos Açores, em colaboração com a Ludus.

Ao longo do presente ano lectivo, o Clube de Matemática da nossa escola conta, ainda, com

outras actividades habituais, como o "Problema do Mês", concurso destinado aos alunos dos ensinos Básico e Secundário. Por outro lado, este clube promove, ainda, actividades de apoio aos alunos com dificuldades nesta disciplina, tentando promover hábitos de trabalho e metodologias diversas que vão ao encontro dos diferentes ritmos de aprendizagem.

O blogue do clube está disponível em www.canalmatblogue.blogspot.com.

JOANA MOTA